



GRAMSCI *EXCUBITOR* (1916-1918)¹

Paolo Nosella²

Resumo

O texto é uma reflexão sobre as atividades pedagógico-didáticas de Gramsci nos anos de 1916-1918. Sobressaíam as atividades do jornalista político militante, mas, destacavam-se, também, nesse triênio, as de “professor”, *excubitor*, como ele próprio se definiu do verbo latino *excubo*, “fazer guarda, velar, vigiar”. Com esse termo, caracterizava seu método pedagógico na coordenação didática do Clube de Vida Moral, criado por ele. Circunstâncias, opções e encargos políticos impediram Gramsci de ser profissionalmente um professor. É fácil, todavia, perceber sua profunda vocação ou postura “professoral” que o acompanhou em todos os momentos da vida, influenciando as outras atividades, levando-o, sobretudo, a reformular o marxismo para filosofia da práxis.

Palavras-Chave: Gramsci, biografia, pedagogia, política, filosofia da práxis.

Abstract

The text is a reflection on Gramsci's pedagogical-didactic activities in the years 1916-1918. The activities of the militant political journalist highlighted, but in this triennium also stood out those of “teacher”, *excubitor*, as he defined himself from the Latin verb *excubo*, “guarding, watching, oversee”. This term characterized his pedagogical method in the didactic

¹ O trabalho intitulado “*Gramsci excubitor: professor político 1916-1918*” foi apresentado no Colóquio Internacional Antônio Gramsci, Universidade Estadual de Campinas/SP (Unicamp), 22 e 25 de agosto de 2017. Uma versão que incorpora algumas das ideias presentes neste artigo foi publicada na *Revista Filosofia Italiana* edição 2017/2.

² Professor titular em Filosofia da Educação, colaborador no PPGE da UFSCar. Pesquisador Sênior CNPQ. Principais publicações: NOSELLA, P. *Origens da pedagogia da alternância no Brasil*. Vitória, EDUFES, 2013; NOSELLA, P. e BUFFA, E. *Instituições escolares: por que e como pesquisar*. Campinas, Alínea, 2013; NOSELLA, P. *A escola de Gramsci*. São Paulo, Cortez, 2016; NOSELLA, P. *Ensino médio: à luz do pensamento de Gramsci*. Campinas, Alínea, 2016. E-mail: nosellap@terra.com.br

coordination of the Moral Life Club, created by himself. Circumstances, options, and political burdens avoided Gramsci from being a professional teacher. It is easy, however, to realize his profound vocation or "professorial" posture that accompanied him at all times in his life, influencing other activities, leading him, above all, to reformulate Marxism for the philosophy of praxis.

Keywords: Gramsci, biography, pedagogy, politics, philosophy of praxis.

A personalidade de Antonio Gramsci é poliédrica: linguista, jornalista, professor, escritor, crítico literário, filósofo, cientista e dirigente político, etc. Embora sobressaia a figura do dirigente e cientista político, destaca-se em marca-d'água a de "professor" cuja função, profissionalmente, nunca pode exercer. Essa profunda vocação ou "postura professoral", sempre presente nele, influenciou sua própria concepção filosófico-política, reformulando o próprio marxismo para filosofia da práxis (cf. COSPITO, 2019).

Escopo deste texto é refletir sobre as atividades especificamente pedagógico-didáticas, sempre integradas à política, no triênio 1916-18.

Findava o ano de 1915. Faltavam poucos exames para Gramsci terminar o curso de Filologia Moderna na Faculdade de Letras da Universidade Estadual de Turim. Devido ao intenso trabalho jornalístico, palestras, atividades políticas, inúmeras aulas particulares e, também, por causa de problemas de saúde perdeu a bolsa de estudos. Não conseguiu concluir a tese: "Eu precisaria – escreve nos primeiros meses do ano à irmã Grazieta – de algum tempo livre para me dedicar com mais assiduidade aos estudos; ao contrário, neste momento, para os estudos posso dedicar apenas recortes de tempo" (GRAMSCI, 2009, 167).

Em dezembro, assumira a função de redator das recém-criadas páginas turinenses do jornal cotidiano socialista *Avanti*. Já vinha colaborando com o jornal semanário socialista de Turim *Il Grido del Popolo*. Fora nomeado, no mesmo mês, Diretor do Colégio Consorcial ou Ginásial de Oulx, onde ganharia razoavelmente bem. Entretanto, por idealismo político, desistiu do cargo preferindo a militância jornalística.³

Assim, a partir do ano de 1916, Gramsci, com vinte e cinco anos, passou a ser jornalista em tempo integral. Trabalhava quase sozinho, porque muitos de seus amigos (Tasca, Togliatti,

³ O fato é contado pelo próprio Gramsci numa passagem autobiográfica. (GRAMSCI, 1976, p. 260-271). Citação transcrita na final deste.

Terracini e outros) haviam sido convocados para a guerra (cf. FIORI, 1977, 120). Ele não fora convocado, por causa de suas limitações físicas.

Seus artigos versavam sobre a cultura, a guerra, a política nacional e internacional, o oportunismo e reformismo do Partido Socialista Italiano. Enaltecia valores, anseios e as potencialidades históricas do proletariado. Metodologicamente, tomava ocasião de fatos e eventos políticos culturais locais, nacionais e internacionais (cf. RAPONE, 2011, p. 62). Seu estilo surpreendia pela originalidade. Chamava a atenção, sobretudo, o método socrático do jornalista professor Gramsci: “Claramente transparecia desde então a tendência a um método que mais tarde será denominado ‘maiêutico’, ‘socrático’ de educação das massas e não de simples excitação com discursos tribunícios” (FIORI, 1977, 119-120).

O amálgama de jornalista e professor militante, presente, mais ou menos, em todos os escritos, emerge nítido no texto mais emblemático do momento *Socialismo e cultura*, publicado no *Il Grido del Popolo* em 20/01/1916. Ocorria uma disputa entre as lideranças socialistas: enquanto uns acusavam os outros de “extremistas economicistas”, estes acusavam os primeiros de “oportunistas culturalistas”. Anos depois, do cárcere, relembando essa polêmica, escreveu: “Na realidade nem os primeiros nem os segundos podiam ser “justificados”, nem nunca serão justificados. Suas posições devem apenas ser “explicadas” realisticamente como dois aspectos da mesma imaturidade e do mesmo primitivismo” (GRAMSCI, 1975, 1112).

Dentro do Partido Socialista debatia-se o tema da educação da classe operária: uns priorizavam a formação cultural, outros a prática de classe ou condição social. O nosso jornalista militante, com forte postura professoral, no artigo, explica a correta conceituação de cultura socialista, redigindo uma verdadeira aula magna, fundamentada na didática do “conhece-te a ti mesmo” de Sócrates, princípio politicamente já interpretado por Vico⁴ e “traduzido” pelo filósofo romântico Novalis com a expressão “O supremo problema da cultura é apoderar-se do eu transcendental” (*Idem ibidem*). Assim sintetiza Gramsci:

É preciso perder o hábito de conceber a cultura como saber enciclopédico, (...). A cultura é algo bem diferente. É organização, disciplina do próprio eu interior, posse da própria personalidade, é conquista de consciência superior, por meio da qual se consegue compreender o próprio valor histórico, sua função na vida, seus direitos e seus deveres. (...) Mas isso não pode acontecer por evolução espontânea (GRAMSCI, 1980, 28).

⁴ “Para Gian Battista Vico, Sólon, com o dito “conhece-te a ti mesmo”, quis aconselhar os plebeus, que acreditavam serem de *origem bestial* (enquanto os nobres seriam de *origem divina*), a refletirem sobre si mesmos para se reconhecerem de *igual natureza humana que os nobres* e, por conseguinte, pretenderem ser-lhes *igualados no direito civil*” (GRAMSCI, 1980, 28).

No final do ano de 1916 (29/12), no mesmo jornal, reforçando essa linha de raciocínio e seu estilo professoral, publica outro artigo polêmico *L'università popolare*, que fustiga duramente a direção política e pedagógica do Partido Socialista. É uma postura autocrítica:

Em Turim, a Universidade Popular nem é universidade nem é popular. Seus dirigentes são amadores quanto à organização cultural. O que os move é um tênue e pálido espírito de beneficência, não um desejo vivo e fecundo de contribuir na elevação espiritual das massas por meio do ensinamento (...). A Universidade Popular, assim como eles a dirigem, foi reduzida a ensino teológico, à reprodução da escola jesuítica, onde o conhecimento é apresentado como algo de definitivo, irrefutável, indiscutível (GRAMSCI, 1980, 673).

A tendência “professoral” desse jornalista militante socialista manifesta-se, ainda mais nítida, no número único de propaganda e ação socialista de fevereiro de 1917. A Federação Juvenil Socialista Piemontesa decidira editar um número especial intitulado *La Città Futura* (cf. RAPONE, 2011, 68). Andrea Viglongo haveria de ser o “curador” (coordenador) responsável pela preparação desse número. Gramsci pediu que deixassem para si a tarefa. Assim, pensava, o número “resultaria homogêneo e coerente com o programa formativo proposto pela Federação” (*idem ibidem*). O pedido foi imediatamente aceito, demonstração clara de que ninguém duvidava da competência teórica e didática de Gramsci.

De fato, o número único foi quase inteiramente redigido por ele e resultou num conjunto orgânico de textos. Nele, Gramsci pode exercer em plenitude sua capacidade professoral. Elaborou uma verdadeira “apostila” de introdução à cultura para jovens socialistas. É um pequeno compêndio, um instrumento didático que superava as limitações características dos cotidianos ou semanais, isto é, a descontinuidade e fragmentação (cf. GRAMSCI, 1982, 4). Tenho em mãos um exemplar desse número especial⁵ de quatro páginas, duas folhas de 35 x 50 cm. Torino, 11 de fevereiro de 1917. O tom geral é de animação e incitamento à participação política, pois a guerra – afirma-se – não calou o proletariado. Insiste-se na importância dos jovens socialistas serem disciplinados e agirem como protagonistas da história, preparando a futura nova ordem social que possibilite, para todos, a realização integral da própria personalidade humana. É impossível separar nessas quatro folhas a profunda cultura da verve política, o professor do militante.

O artigo de fundo, na primeira página, *Três princípios, três ordens*, é um verdadeiro ensaio de filosofia e história que entrelaça cultura geral com determinação política. A busca da

⁵ Em junho de 1952, a Editora Andrea Viglongo de Turim, caixa postal 412, homenageando esse histórico “folho” especial “*La città futura*”, reproduziu fotograficamente um limitado número de exemplares.

verdade e o compromisso político, organicamente integrados, são exaltados com extremo vigor.

Lê-se:

Os socialistas não devem substituir uma ordem por outra. Devem instaurar a ordem em si. A máxima jurídica que eles querem realizar é: *possibilidade de realização integral da própria personalidade humana concedida a todos os cidadãos* [itálico no original]. Concretizando essa máxima caem todos os privilégios constituídos. Ela conduz ao máximo de liberdade com o mínimo de coerção. Quer que a regra da vida e das atribuições seja a capacidade e a produtividade, fora de qualquer esquema tradicional. Que a riqueza não seja instrumento de escravidão, mas que, sendo de todos de forma impessoal, dê a cada um os meios para todo o bem-estar possível. Que a escola eduque os inteligentes, nasçam onde nascerem, e deixe de ser o prêmio [quatro linhas censuradas]. Deste axioma dependem todos os outros princípios do programa máximo socialista. Isso, repetimos, não é utopia. É princípio de ordem, da ordem socialística. Daquela ordem que, acreditamos, na Itália realizar-se-á antes que em todos os demais países [cinco linhas censuradas]. (GRAMSCI, 1982, 11).

Ao lado do editorial, há o conhecido artigo *Indifferenti*, marcadamente militante: “Odeio os indiferentes (...). Quem vive verdadeiramente não pode deixar de ser cidadão e de tomar partido. Indiferença é abulia, é parasitismo, é covardia, não é vida” (*idem, ibidem*). Na segunda página, Gramsci publica um longo excerto de Gaetano Salvemini, *O que é a cultura*, extraído de um volume do mesmo autor, *Cultura e laicidade*:

A cultura é o conjunto de todos aqueles conhecimentos que não servem para nada, mas aos quais não é lícito renunciar. Ora, este conjunto de informações ornamentais “que não servem para nada”, terminam realmente para não servir para nada se não são organicamente reunidas em torno daquele núcleo mais denso de doutrina especial e profissional que é a propriedade pessoal, assim diria do especialista. Quem possui uma enfarinhada de um pouco de tudo e desafoga sua curiosidade em mil opostos sentidos, sem centrar num ponto determinado sua atenção e atividade, pode, talvez, colher triunfos fáceis nas conversas, pode conseguir, melhor do que o especialista – como se costuma dizer- fazer boa figura em sociedade; mas no mundo do pensamento e da vida é homem inútil; não é um homem culto, é um parasita da cultura alheia (SALVEMINI, 2017, p. 2).

Em conclusão, ainda Salvemini:

A cultura consiste no hábito do esforço tenaz e penoso; na necessidade das ideias lógicas e claras; na força e na coragem de pensar com nossa cabeça e de sermos nós mesmos; na facilidade de se adaptar às situações imprevistas; na postura – em suma – de nos comportar, diante de qualquer novo problema de pensamento ou de ação, como homens ignorantes, certamente, e necessitados de renovar, alargar e endireitar continuamente nossos conhecimentos, mas capazes de corretamente querer, rapidamente decidir, energeticamente operar” (*Idem, ibidem*).

Citei esse texto, mesmo não sendo de Gramsci, de um lado porque a escolha foi dele, com sua recomendação explícita de que “todos os jovens deveriam ler”, de outro lado, porque esse texto não se encontra, na íntegra, a não ser na reprodução fotográfica do original (cf. nota 6 deste). Note-se nele a constante referência da díade conhecimento e prática, pensamento e

ação, fundamento da sua original concepção da filosofia da práxis e espelho de sua personalidade: professor político.

Ainda na segunda página, redige dois pequenos textos *Analfabetismo* e *La disciplina*, formas de educação explicadas especularmente nas perspectivas opostas da burguesia e do socialismo, isto é, pela imposição dos prepotentes e pelo horizonte da liberdade do socialismo. Dois textos teórica e didaticamente excelentes.

Na terceira página, sob a manchete *Dois convites à meditação*, publica dois ensaios: *A religião* de Benedetto Croce e *O que é a vida* de Armando Carlini. Comentário no cabeçalho de Gramsci:

Frequentemente, acontece que os jovens [socialistas], na discussão, tenham que responder a objeções referentes aos problemas últimos da vida (...). Nestes problemas, na discussão, é preciso trincheirar-se na dificuldade que os próprios grandes pensadores tiveram. Se quisermos passar a ideia de que podemos responder vitoriosamente cada objeção, seríamos simplesmente vaidosos ôcos e insulsos (GRAMSCI, *idem ibidem*).

Sobre o texto de Croce, para quem, em síntese, o homem moderno pode e deve viver sem religião revelada, positiva ou mitológica, um ano depois (5 janeiro de 1918), numa nota do jornal o *Grido del popolo*, Gramsci escreve:

Nada pode ser substituído se os inovadores não têm a sua disposição algo substituível. A religião é uma necessidade. Não é um erro. Representa a forma primordial e instintiva das necessidades metafísicas do homem. Os socialistas devem substituir a religião com a filosofia. Portanto, devem haver uma sua filosofia (GRAMSCI, 2009, 102).

No *Caderno 10*, lembrando esse mesmo texto de Croce, reconhecerá que então (começo de 1917) ele era “tendencialmente crociano e não tinha ainda claro o conceito de unidade de teoria e prática, de filosofia e política” (*idem ibidem*).

O texto de Carlini, que Gramsci “sugeriu sempre aos amigos de ler” (*idem ibidem*), em síntese, afirmava que: “O problema que nos angustia não é ‘de quais e quantos fatos resulta composta nossa vida’; mas é: ‘o que vale nosso viver, qual o valor de nossa vida?’ (...). É o problema da ética” (*idem ibidem*).

Obviamente, esse número único especial não ficaria isento de críticas dentro do movimento juvenil socialista: “por incluir dissertações intelectuais que dificilmente são compreendidas pelos leitores proletários” (cf. RAPONE, 2011, 69, nota 92). Em outras palavras: vários companheiros se incomodaram com a postura professoral de Gramsci, aberto ao debate, não doutrinário, defensor da *maiêutica* e da escola “desinteressada”. Todavia, foi uma publicação que chamou muito a atenção.

A Revolução Russa, provavelmente, é o evento que mais marcou a personalidade de Gramsci. Em fevereiro de 1917, o partido menchevique tomara o poder do Czar Nicolau II, pondo fim ao absolutismo monárquico. Na Itália não era fácil entender o que estava acontecendo na Rússia, mas Gramsci, com sua análise corroborou para a vitória da revolução dos bolcheviques. Escreveu ainda em 29 de abril: “Nós, entretanto, estamos convencidos que a revolução russa é, além de um fato, também um ato proletário, e que essa, necessariamente, deve desaguar no regime socialista” (GRAMSCI, 2015, p. 255).

Com efeito, no mês de outubro, a vitória de Lênin e do partido Bolchevique validou o texto de Gramsci. Não por acaso substituíra o conceito “fato” pelo conceito “ato”, afirmando com isso que a força motora da história é a vontade subjetiva (ato) do proletariado, não a fatalidade (fato) evolucionista do fator econômico⁶, como pensava o reformismo determinista socialista. Em outras palavras, o texto de 29 de abril não era uma previsão, fora uma contribuição política em favor do posicionamento de Lênin, consoante às manifestações populares que, durante a visita em Turim da delegação menchevique do governo russo (13 de agosto), gritavam “viva Lênin”.

Tal perspicácia política de Gramsci foi observada “pelos socialistas italianos, inclusive fora do ambiente de Turim” (RAPONE, 2011, 72). Por isso, desse momento em diante, suas responsabilidades políticas nacionais e internacionais aumentaram. No final do mês de agosto (23-26), ocorreu em Turim uma grande sublevação operária. Quase todos os líderes socialistas foram presos. Gramsci foi indicado secretário da Comissão Executiva Provisória da seção de Turim (cf. GRAMSCI, 2009, 427). Assumira também a direção do *Il grido del popolo*.

Mas, os encargos políticos não esmoreciam sua vocação de professor, tanto que “reafirmando seu perfil professoral, em outubro, cura mais um número especial inspirado no liberismo sobre *Os socialistas e a liberdade alfandegária*” (LO PIPARO, 2014, 141). Com efeito, estava ele convencido que o proletariado socialista italiano não possuía a formação intelectual necessária para ser classe hegemônica: “se a Revolução Francesa, que não fez mais do que substituir a dominação de uma classe pela outra” (GRAMSCI, 2004, p. 46) fora precedida e acompanhada por um grande movimento cultural de artistas, escritores, políticos, cientistas, educadores (Iluminismo), com maior razão a Revolução Proletária necessitará ser precedida e acompanhada por um extremo trabalho cultural.

O entusiasmo pela revolução proletária reunia todos os socialistas italianos, mas a proposta de uma formação intelectual mais rigorosa do proletariado encontrava frieza ou

⁶ Ver: “A revolução contra o capital” e “O nosso Marx” (GRAMSCI, 2004, p. 126 e p. 160).

oposição junto à maioria. A posição “culturista” de Gramsci era considerada por algumas organizações sindicais mera “bizarria intelectual” (RAPONE, 2011, 78)⁷.

Muitos, porém, pensavam como Gramsci. Nesse mesmo mês, 13 de dezembro 1917, apareceu no Jornal *Avanti* um artigo de Michele Pellegrino (cf. GRAMSCI, 2015, 662) que propunha criar em Turim uma Associação de Cultura Operária com essa justificativa: “nesses tempos perversos, recolher-se nos estudos é [...] uma obrigação moral absolutamente imperiosa” (*Idem Ibidem*). Cinco dias depois, nosso professor político desenvolve a proposta, aceitando-a, no artigo *Para uma Associação de Cultura*: “uma vez que socialismo é organização, não só política e econômica, mas também, e, sobretudo, de saber e querer, obtida por meio da atividade de cultura” (GRAMSCI, 1984, 275):

Não existe [em nossa atividade] aquela preparação de longo prazo que permite a rapidez da deliberação em cada momento concreto, que determina os acordos imediatos, efetivos, profundos que fortalecem a ação. A Associação de Cultura deveria cuidar dessa preparação, deveria criar tais convicções. Desinteressadamente, isto é, sem aguardar o estímulo da atualidade; nessa Associação deveríamos discutir tudo o que interessa ou poderia interessar um dia ao movimento proletário. Existem problemas filosóficos, religiosos, morais que a ação política e econômica pressupõe, sem que os organismos econômicos e políticos possam em específica sede discuti-los, divulgando as soluções próprias. Esses (problemas) têm uma grande importância (GRAMSCI, 1982, p. 498-499).

Com a obstinação do professor político convencido de sua tese, enfrenta a oposição anticulturista do Partido Socialista e cria um Clube de Vida Moral “porque não basta o doutrinamento verbal dos princípios e das máximas morais” (GRAMSCI, 2009, 177).

Penso que Gramsci desejasse reunir uma turma, uma verdadeira sala de aula, onde exerceria em plenitude a função de professor. Reuniu Attilio Carena, Andrea Viglongo e Carlo Boccardo. Era um pequeno grupo, mas quando a guerra terminasse, a turma poderia aumentar: “As reuniões ocorriam na residência de Viglongo e, às vezes, sob as arcadas da cidade, e o animador [Gramsci] põe em ato seus excepcionais dotes maiêuticos” (BERGAMI, 1977, 121).

O “professor” Gramsci tomou a coisa tão a sério que, desejando melhorar seu método didático, escreve, em março de 1918, nada menos que a um dos mais renomados pedagogistas do momento: Giuseppe Lombardo Radice⁸, solicitando-lhe uma opinião sobre a didática

⁷ Existia semelhante polêmica no movimento operário russo. Gramsci, no artigo “A cultura no movimento socialista” (*Grido del popolo* 1/6/1918) cita, em defesa de sua posição, um artigo de Lunaciarschi, então Comissário do Povo para a Pública Instrução na República dos Soviets, que diz: “junto com as três atividades fundamentais do movimento operário, especificamente reconhecidas pelos congressos, ou seja, a atividade política, econômica e cooperativa, [tinha] que ser reconhecida, equiparada às outras, a atividade cultural de autoeducação e de criatividade proletária” (GRAMSCI, 1984, p. 77, nota).

⁸ G. L. Radice foi colaborador da revista *La voce* de Prezzolini e de *L'Unità* de Salvemini. Professor de Pedagogia na Universidade de Catania, colaborador e amigo de Giovanni Gentile que lhe confiara a direção das escolas primárias. A partir de 1924, recusou encargos públicos e passou à militância antifascista. Foi Professor de Pedagogia ao Magistério de Roma (GRAMSCI, 2009, 478-479).

praticada por ele no Clube. Anexa à carta a resenha de Andrea Viglongo sobre um livro do próprio Lombardo Radice, *O conceito da educação*. Reconhece e admira a obra desse importante pedagogo, mesmo que, sobre a guerra, militassem em lados contrários:

Gostaria muito que o Senhor, que segue com interesse todas as novas experiências pedagógicas, tivesse a bondade de me enviar seu parecer sobre nossa iniciativa que, certamente, foi criada e desenvolvida com muita dificuldade. Os jovens são todos operários: o socialismo de Turim é marcadamente operário; os poucos jovens universitários estão longe por obrigação militar. Mesmo sendo inteligentes e de boa vontade, é preciso começar pelas coisas mais simples e elementares: inclusive, pela linguagem. Poderia o Senhor me ajudar com algum conselho, traçando uma direção que possa integrar e complementar meus propósitos? (GRAMSCI, 2009, 177).

Reafirma, na longa carta, a necessidade de se criar em Turim iniciativas ou alternativas culturais concretas, novos exemplos de associacionismo que deverão, “necessariamente”, ser instituídos na chegada da civilização socialista:

Por isso, há pouco, surgiu o *Clube de vida moral*. Nele, nos propomos acostumar os jovens, que aderem ao movimento político e econômico socialista, à discussão desinteressada sobre os problemas éticos e sociais. Queremos acostumá-los à pesquisa, à leitura feita com disciplina e método, à exposição simples e serena de suas convicções. As atividades desenvolvem-se dessa forma: eu, que tive de aceitar a incumbência de excubitor⁹, porque dei início à associação, atribuo a um jovem uma tarefa: ex. sua brochura sobre a educação, um capítulo de *Cultura e vida moral* de B. Croce, dos *Problemas educativos e sociais* de Salvemini, da *Revolução francesa ou da Cultura e laicidade* ainda do Salvemini, sobre o *Manifesto dos comunistas*, uma anotação de Croce na *Crítica* ou outro que, porém, reflita o movimento idealístico atual. O jovem lê, anota um esquema, e depois numa reunião expõe os resultados de suas pesquisas e reflexões. Alguém dos presentes, caso esteja preparado ou eu mesmo, apresentamos objeções, propomos diferentes soluções, alargamos a posse de um conceito ou de um raciocínio. Abre-se assim uma discussão que procuramos não fechar até que *todos* os presentes tenham sido postos em condições de entender e apropriar-se dos resultados mais importantes do trabalho em comum (GRAMSCI, 2009, 176. Itálico do original).

A vocação de Gramsci, professor excubitor, nesta carta é explícita. Mais tarde, o “aluno” (ou sócio) desse clube, Andrea Viglongo, confirmará:

[...] ainda existem folhas que registram as aulas de Gramsci ministradas nos círculos de bairros aonde ele ia [...]. Gramsci dava a aula e depois, como encaminhamento para uma melhor preparação, pedia que cada um dos jovens presentes fizesse um resumo [...]. Na reunião seguinte, Gramsci recolhia as folhas e as corrigia (VIGLONGO, *apud* LO PIPARO, 2014, 136).

A resposta de Lombardo Radice foi imediata, curta e dura, acusando os socialistas de colaboração indireta com os alemães, contra a Itália: “Não é o momento para as academias

⁹ *Excubitor* é uma palavra latina, significando “guarda, sentinela”; do verbo *excubo*, “estar deitado fora da porta”, “fazer guarda, velar, vigiar”, do Dicionário Latino-Português de José Cretella Junior e Geraldo de Ulhoa Cintra, 3ª edição revista. Companhia Editorial Nacional, São Paulo, 1953, p. 431.

pedagógicas, mas da ação em favor da Pátria e das Pátrias! Viva a Itália e não esqueçamos MAZZINI!” (RADICE, *apud* GRAMSCI, 2009, 179).

No ano de 1918, 5 de maio, centenário do nascimento de Karl Marx, Gramsci publica o conhecido artigo *Il nostro Marx (O nosso Marx)*, “nosso” por referir-se ao grupo de jovens ativistas socialistas de Turim (cf. COSPITO, 2019, p. 1). Obviamente ele quis dizer também o “meu” Marx. Note-se que - como diz Cospito - a circulação dos textos de Marx, entre os militantes socialistas, na Itália do início dos novecentos, era limitada e suas traduções horríveis. O texto mais citado era o *Manifesto do partido comunista*. O *Capital*, mais citado do que lido, era conhecido, em geral, por meio de excertos, compêndios, entre os quais o mais conhecido era o de Carlo Cafiero. Além disso, dominava a interpretação economicista, determinista, mecanicista, finalística e cientificista (2019, 1). Para Gramsci,

Marx não é um místico, nem um metafísico positivista, mas um historiador, um intérprete dos documentos do passado, de todos os documentos, não apenas de uma parte deles (...). Com Marx, a história continua a ser domínio das ideias, do espírito, da atividade consciente dos indivíduos isolados ou associados. Mas as ideias e o espírito ganham substância, perdem sua arbitrariedade, não são mais fictícias abstrações religiosas ou sociológicas. Sua substância está na economia, na atividade prática, nos sistemas e nas relações de produção e de troca (GRAMSCI, 1984, 3-7).

É um artigo que ganha luz e força quando lido junto a outros da época, em particular, aquele de quatro meses antes (24/12/1917) *A revolução contra o ‘Capital’* e de quatro meses depois (31/08/1918) *Antes de tudo, precisamos ser livres*. No primeiro, afirma-se que os bolcheviques demonstraram que “os cânones do materialismo histórico não são tão férreos como poderia se pensar e se pensou (...) embora não reneguem seu pensamento imanente, vivificador” (GRAMSCI, 1982, 513). No segundo, em polêmica com um artigo de Leonetti, afirma o empenho de intensificar a cultura:

A educação, a cultura, a organização difusa do saber e da experiência é a independência das massas em face dos intelectuais (...). Isso não pode ser adiado para amanhã, para quando formos politicamente livres. Esse empenho é ele mesmo liberdade, estímulo para a ação e condição da ação (GRAMSCI, 1984, 274-275).

No ano de 1919, o Gramsci professor-político torna-se o Gramsci *totus politicus*. É um novo momento. A figura e as atividades de professor, embora nunca desapareçam, são mais pontuais, raras e difusas, refluem para o fundo da cena. Divisor de águas dessa nova situação é a criação da revista *Ordine Nuovo*: “Em fevereiro de 1919, quatro alunos da Universidade de Turim decidiram criar uma nova revista, l’*Ordine Nuovo* cujo primeiro volume saiu no dia 1º de maio daquele ano: Gramsci, com 28 anos, era o mais velho do grupo” (SCHIRRU, 2011, 973).

Para concluir, parafraseando o famoso dístico *Grecia capta, Roma captiva est* (a Grécia conquistada conquistou Roma), podemos pensar que a profunda e sincera tendência “professoral” de Gramsci, profissionalmente impedida pelas opções e encargos políticos, influenciou sua teoria política, ressignificando-a de maquiavelista (no sentido pejorativo), pragmatista, interesseira, burocrática e autoritária para política da filosofia da práxis, “desinteressada”, educativa e socrática, em favor da libertação das massas populares.

Porém, é verdade também o inverso, *Roma capta, Grecia captiva est*, ou seja, do mesmo modo o professor “tipo tradicional e vulgarizado de intelectual”, retórico e sabichão, acaba sendo ressignificado pela prática política da filosofia da práxis. É difícil definir com precisão técnico-pedagógica o perfil do “professor político da filosofia da práxis”, conforme encontra-se nas últimas linhas do *Caderno 12*:

O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas numa inserção ativa na vida prática, como construtor, organizador, “persuasor permanente”, e não puro orador – e, contudo, superior ao espírito matemático abstrato; da técnica-trabalho chega à técnica-ciência e à concepção humanista histórica, sem a qual permanecemos “especialistas” e não nos tornamos “dirigentes” (especialista + político) (GRAMSCI, 1975, 1551).

Conceitualmente, a ideia está clara. Mas, na vida real, distinguir dialeticamente o mestre político, próprio da filosofia da práxis, militante, do mestre reacionário ou conservador, frigidamente erudito, retórico, oportunista, burocrata, pedante, cuja atividade “consiste na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões” (*ibidem*), não é operação simples, isto é, não é fácil aplicar no concreto (traduzir) a fórmula gramsciana de *especialista + político*. Ele mesmo, em dados momentos elogiava um intelectual, em outros o criticava; por algum aspecto valorizava, por outros depreciava. Com efeito, o conceito é límpido, o concreto é complexo, resulta – sabemos – de múltiplas determinações contraditórias.

Provavelmente, um bom exercício de identificação dos mestres da filosofia da práxis é verificar o posicionamento de Gramsci sobre personalidades, mestres e políticos desde os anos de formação aos anos de cárcere. Ele analisa ininterruptamente intelectuais, colegas, companheiros, políticos, inclusive, de posição partidária diferente da própria, distinguindo posições progressistas das conservadoras. Alguns nomes: Raffa Garcia, seu professor de italiano no ensino médio, Matteo Giulio Bártoli e Umberto Cosmo seus professores na Universidade e muitos outros, insígnies intelectuais como Luigi Pirandello, Benedetto Croce, Francesco De sanctis, Piero Gobetti, Trotsky, Nikolai Bukharin e até mesmo polêmicos nomes como Lênin, Trótski, Stalin, Togliatti, etc.

Obviamente, o posicionamento de Gramsci, às vezes pendular, sobre diferentes figuras de intelectuais não permite relativismo subjetivo. A fragmentação das situações e os momentos particulares não impossibilitam traçar um perfil unitário de cada personalidade a partir de sua “concepção de luta para uma nova civilização” (GRAMSCI, 1975, 2187-88-89-90). Um exemplo: Gramsci analisa as figuras de Benedetto Croce e de Francisco de Sanctis, dois grandes nomes da cultura: escrevem e ensinam sobre os mesmos conteúdos de forma altamente erudita, clara, original. Entretanto, conclui Gramsci:

Em suma, o tipo de crítica literária própria da filosofia da práxis é representado pelo De Sanctis, não por Croce ou por qualquer outro (menos ainda pelo Carducci): na [crítica literária] devem fundir-se a luta por uma nova cultura, isto é, por um novo humanismo, às críticas dos costumes, dos sentimentos e das concepções de mundo junto com a crítica estética ou puramente artística no fervor apaixonado, mesmo que seja na forma de sarcasmo (GRAMSCI, 1975, p. 2188).

Nessa densa nota o autor analisa e distingue elementos progressistas da “luta por uma nova civilização” de elementos “frigidamente estéticos”, puramente ornamentais (§ 3, *Caderno 23*). Assim, a filosofia de Croce, extensão de sua concepção estética à política (cf. GHETTI, 1996, 73), está a serviço de uma finalidade de prestígio, carreira e enriquecimento; De Sanctis, ao contrário, integra a luta pessoal à cultura dos grandes clássicos. “Croce consegue distinguir esses aspectos que em De Sanctis estavam organicamente unidos e fundidos” (*idem ibidem*).

Vale a pena, para finalizar, citar na íntegra uma nota autobiográfica e auto defensiva de Gramsci, para compreender o sentido da integração entre cultura e dedicação pessoal:

Ingressei na redação do “*Avanti!*” em 10 de dezembro 1915 [itálico no original]. Fui ininterruptamente redator do “*Avanti!*” do dia 10 de dezembro até 31 dezembro 1920, cinco anos e vinte dias. Das centenas e milhares de artigos de fundo, notas cursivas, notas de crônica, recensões de teatro que escrevi no “*Avanti!*” nada foi jogado para o lixo [tudo foi publicado]; aliás, quando Cerrati estava no cárcere em Turim, brigava furioso contra Storchi, então redator-chefe em Milão, porque não publicava em primeira página uma parte dos escritos que eu enviava para a crônica turinense. Ingressei no “*Avanti!*” quando o Partido socialista estava reduzido aos extremos, e todos os bons escritores se afastavam e repudiavam o Partido. Ingressei no “*Avanti!*” livremente, por convicção. Nos primeiros dias de dezembro de 1915 havia sido nomeado diretor do ginásio de Oulx, com 2500 liras de salário e três meses de férias. Ao invés disso, no dia 19 de dezembro de 1915, me comprometi com o “*Avanti!*” por 90 liras mensais de salário, isto é, 1080 liras anuais. Podia escolher: se escolhi o “*Avanti!*”, por 90 liras mensais e os perigos que então corríamos trabalhando para o jornal socialista, se preferi o “*Avanti!*” ao invés de Diretor do Ginásio de Oulx com suas 2500 liras, seus três meses de férias e sua tranquilidade, certamente tenho o direito de afirmar que eu era motivado por uma fé e uma convicção profunda. Fui secretário da seção socialista imediatamente após os fatos de agosto de 1917; ao mesmo tempo, tendo sido encarcerada Maria Giudice, aceitei também a direção do “*Grido del Popolo*”, sem salário (pelo “*Avanti!*” recebia 150 liras mensais, após ter recebido 90 liras por quase um ano). Em novembro de 1917, após a derrota de Caporetto, fui enviado pela Seção ao convênio clandestino da fração maximalista em Florença. Creio, por tudo isso, ter o direito de afirmar que Mario Guarnieri, quando escreve que em 1914-15 e nos anos seguintes ninguém poderia me distinguir dos adversários do Partido socialista, é um perfeitíssimo patife, é um velhaco sem limites (GRAMSCI, 1976, p. 260-271).

A nota, penso, repercutiu dentro de Pier Paolo Pasolini, a consciência mais autocrítica da esquerda, como Gramsci fora do Partido Socialista e do próprio Partido Comunista de Stalin.

Diante do túmulo de Gramsci, se confessa Pier Paolo:

*Lo scandalo del contraddirmi, dell'essere
con te e contro te; con te nel cuore,
in luce, contro te nelle buie viscere* (Pasolini, 2009, 820).

O escândalo de me contradizer, de estar
contigo e contra ti; contigo no peito,
na mente, contra ti nas negras entranhas¹⁰.

REFERÊNCIAS

- BERGAMI, Giancarlo. *Il giovane Gramsci e il marxismo (1911-1918)*. Editora Feltrinelli Economica, Milano, 1977.
- COSPITO, Giuseppe. *Gramsci traduttore e interprete di Marx: dal "marxismo" alla "filosofia da práxis"*. Conferência no II Colóquio Internacional Gramsci, 9-12 setembro, Marília/SP., 2019.
- D'ORSI, Angelo. *Gramsci, una nova biografia*. Giangiacomo Feltrinelli Editore, Milano, 2017.
- FIORI, Giuseppe. *Vita di Antonio Gramsci*. Editori Laterza, Roma, Bari, 1977.
- GHETTI, Noemi. *Gramsci nel cieco carcere degli eretici*. L'asino d'oro edizioni. Palermo, 1996.
- GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del carcere*. Edição curada por Valentino Gerratana. Einaudi Editore, Turim, 1975.
- GRAMSCI, Antonio. *Cronache torinesi*. Curado por Sergio Caprioglio. Einaudi Editore, Torino, 1980.
- GRAMSCI, Antonio. *La città futura*. Curado por Sergio Caprioglio. Einaudi Editore. Torino, 1982.
- GRAMSCI, Antonio. *Il nostro Marx (1918-1919)*. Curado por Sergio Caprioglio. Einaudi Editore, Torino, 1984.
- GRAMSCI, Antonio. *Escritos políticos. Vol. 1 (1910-1920)*. Edição Carlos Nelson Coutinho. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2004.
- GRAMSCI, Antonio. *Epistolario 1. Gennaio 1906-dicembre 1922*. Instituto della Enciclopedia Italiana, 2009.
- GRAMSCI, Antonio. *Um agente provocador*, publicado em Foice e Martelo, 4/06/1921. In *Scritti, 1915-1921*, curado por Sergio Caprioglio, Moizzi, Milano 1976.
- GRAMSCI, Antonio. *Scritti (1910-1926) 2. 1917*. Instituto della Enciclopedia Italiana, 2015.
- LO PIPARO, Franco. *Il professor Gramsci e Wittgenstein. Il linguaggio e il potere*. Donizelli Editore. Roma, 2014.
- PASOLINI, Pier Paolo. *Tutte le poesie*. Poema: *Le ceneri di Gramsci*. Milão: Mondadori, I Meridiani, 2009, v.1.
- RAPONE, Leonardo. *Cinque anni che paiono secoli*. Antonio Gramsci dal socialismo al comunismo, (1914-1919). Carocci Editore. Roma, 2011.

¹⁰ Tradução nossa.

SCHIRRU, Giancarlo. *Antonio Gramsci studente di linguística*. Studi stórici. Rivista trimestrale dell'Istituto Gramsci, LII, Roma, 2011.

SALVEMINI, Gaetano. *Cosa é la cultura*. In, *GRAMSCI, La città futura*, reprodução fotográfica dell'originale, Casa Editora Viglongo , Torino, Junho 1952.

Recebido em 03 de outubro de 2019

Aprovado em 14 de novembro de 2019

Editado em 15 de dezembro de 2019